

Instituto Sedes Sapientiæ
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 11 – 02.06.2016

Tema: A função estruturante da linguagem. O início da fonação (dominância matriarcal), a linguagem com o uso da gramática patriarcal e a riqueza de significados da poesia (dominância de alteridade).

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana, Cap. 6 – A polaridade histórica da polaridade matriarcal-patriarcal, pp. 129 a 140.

Boa noite a todos.

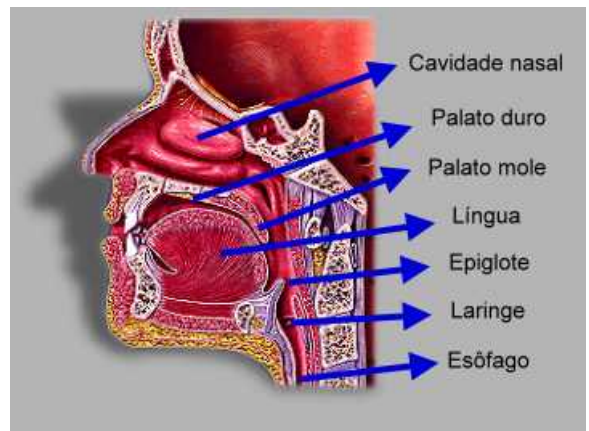
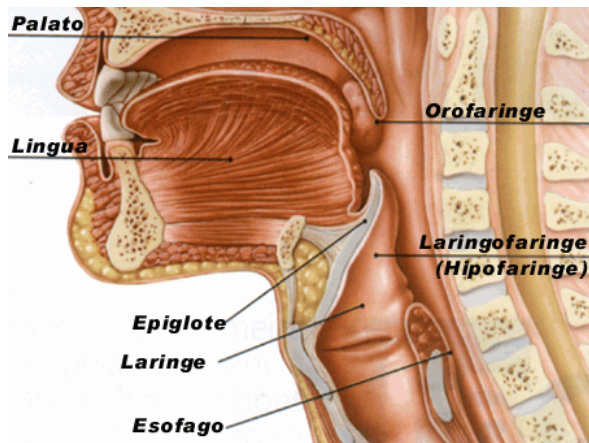
Nesta 11ª aula, abordaremos a importantíssima função estruturante da linguagem, aquela função que nos diferencia das outras espécies e nos permitiu a hegemonia planetária. Sua capacidade de expressar e de elaborar símbolos é inigualável.

É difícil sabermos sobre a aquisição genética desta função. Os chimpanzés, por exemplo, têm menos de 1% do seu genoma diferente de nós e expressam aproximadamente apenas 300 a 400 sinais de comunicação entre gestos e sons, enquanto que nós coordenamos em média aproximadamente até 100 mil palavras.

A linguagem precisa ser compreendida inicialmente com o aparelho fonador humano que inclui a produção de vibrações e o seu registro auditivo. Posteriormente vamos encontrar o fenômeno do som e a diferenciação dos seus significados em vários centros e funções cerebrais (dominância matriarcal).

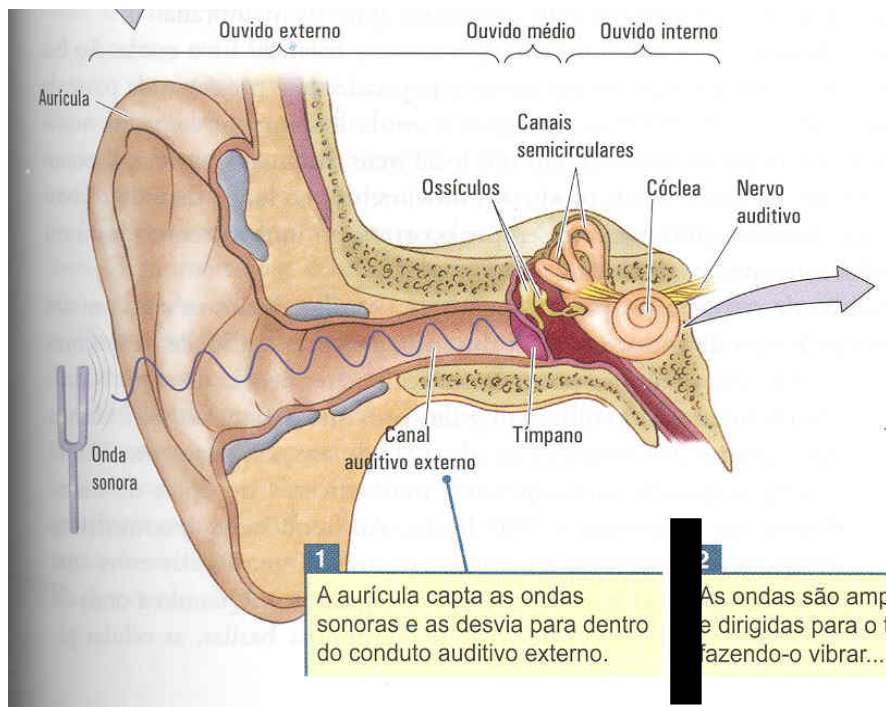
É extraordinário pensarmos que o mundo é silencioso e nele não existe o som, apesar de ser repleto de vibrações. **O som surge somente com o registro das vibrações em nosso cérebro.** Talvez nenhum outro fenômeno psíquico exemplifique de maneira tão clara que a psique existe como uma dimensão simbólica que reúne o subjetivo e o objetivo.

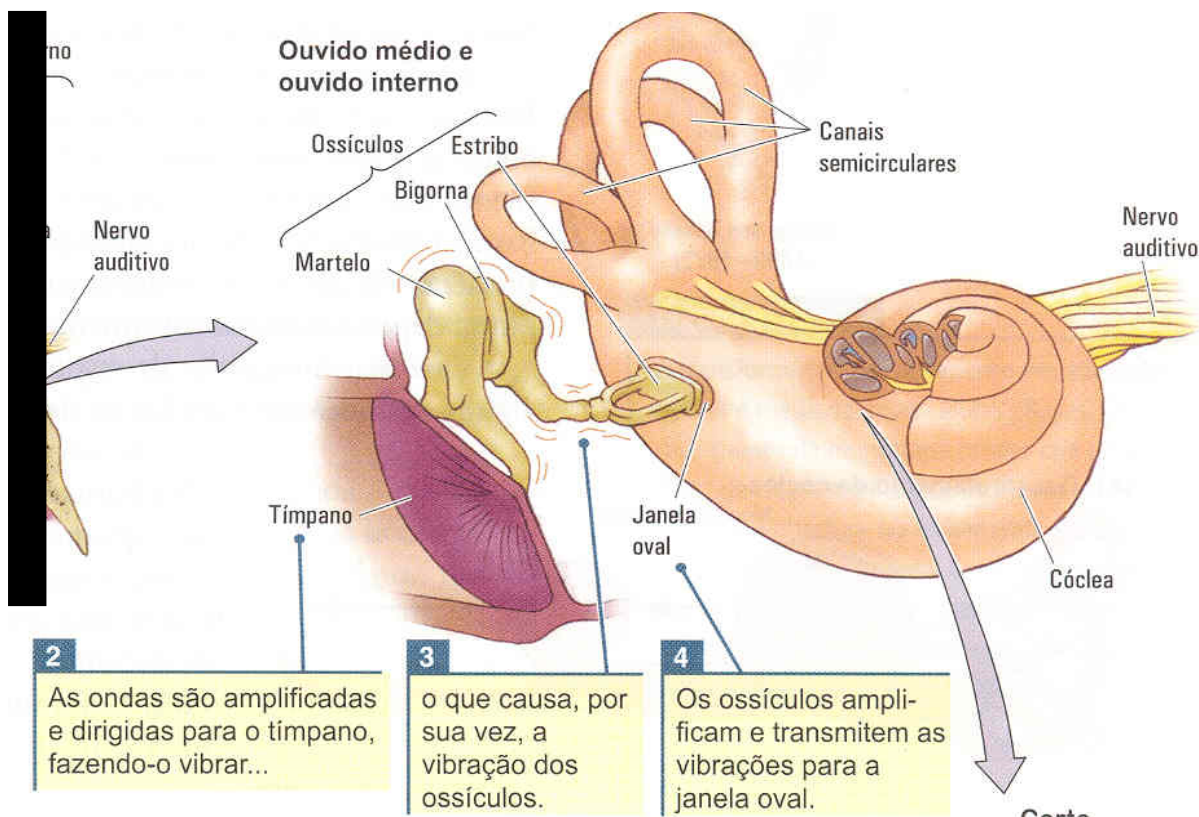
O início da fonação se dá em condições anatômicas e fisiológicas especialíssimas e características de nossa espécie. O som é modulado pela articulação da língua com o palato, as bochechas, os lábios, a faringe e as cordas vocais na laringe, tudo isto transmitido de maneira característica em cada etnia por intermédio de anos de aprendizado após o nascimento.



A recepção do som se faz pelo pavilhão auricular que canaliza o som para o conduto auditivo externo, o tímpano, os três ossos (martelo, bigorna e estribo) que ativam o líquido da cóclea e o nervo auditivo. Dessa maneira, a vibração se torna um estímulo elétrico que se dirige ao cérebro.

O circuito de produção e recepção das vibrações se transforma em som com a intermediação dos núcleos e circuitos cerebrais, centralizados no núcleo sensorial de Wernicke (recepção) e no núcleo de Broca (fala). Estes circuitos envolvem muitos outros. A sua transformação do estímulo no pensamento e toda sua sofisticação é coordenada principalmente no polo frontal, mas também em todo o cérebro.





A função estruturante da linguagem é das mais complexas na personalidade humana e é o resultado dos quatro bilhões de anos de desenvolvimento da vida. Esta é a principal função da comunicação e, por conseguinte, da função estruturante da socialização. Sua evidência anatômica, fisiológica e mental, **ilustra sobejamente a polaridade mente-corpo no funcionamento simbólico da psique**, formulado pela Psicologia Simbólica Junguiana.

A linguagem se estrutura dentro do Self cultural dos grupos humanos e forma as **línguas** ou **idiomas** que se transformam com o tempo há milênios. **A função estruturante da linguagem**, operando com as polaridades mente-corpo, mente natureza, mente-emoção, mente-sociedade, consciente-inconsciente e racional-irracional, se constitui na função estruturante da comunicação em todas as culturas e na **principal ferramenta da elaboração simbólica**.

A função estruturante da linguagem não pode ser reduzida à palavra, pois inclui também toda a expressividade corporal e sinalização convencionadas em cada cultura.

Através dos tempos, a linguagem, como tudo mais, foi se transformando pela elaboração simbólica do Self cultural coordenada pelo quatérnio arquetípico regente. Na posição insular matriarcal ela se expressou durante milênios e muito cresceu e se diferenciou. Quanto mais antiga cultura, mais complexa é a linguagem e maior o número

de palavras. Espontaneamente se percebe que **a linguagem cantada e dançada é melhor memorizada**. Assim, muitos rituais religiosos e mitos foram transmitidos de geração em geração através do canto e da dança, que assim favoreceram a preservação oral das tradições. Até hoje empregamos muito esse método para reforçar a memória. Professores de nossos cursinhos pré-vestibulares, por exemplo, adotam músicas ou rimas para ajudar os alunos a memorizar parte do aprendizado. Infelizmente, esse método é pouco adotado no ensino habitual, como enfatizei em meu livro *A Construção Amorosa do Saber*.

Passados centenas de milênios da diferenciação da linguagem pelo convívio humano, por volta de dez mil anos atrás, descobrimos a agricultura e o pastoreio e passamos de povos nômades, caçadores e coletores, a povos assentados. Essa transformação controlou as funções estruturantes da alimentação e da sexualidade, que eram as principais expressões do dinamismo matriarcal e tornou a função estruturante da organização, coordenada pelo arquétipo patriarcal, o centro da elaboração simbólica social.

Ativou-se, assim, enormemente a organização social a partir da família, da sociedade e do estado e com isso a posição polarizada patriarcal se tornou dominante com sua enorme capacidade de abstração. Como não poderia deixar de ser, a linguagem com isso foi muito transformada o que levou à criação da linguagem escrita, na Suméria, com a escrita cuneiforme há mais de cinco mil anos (3.300 AC.) e no Egito, com a escrita dos hieróglifos. No início sons e imagens foram transpostos para a linguagem escrita, mas, com o passar do tempo e a abstração progressiva, sinais convencionais se transformaram em letras e formaram alfabetos.

A organização patriarcal das línguas com o tempo criou a gramática, o sistema estruturante da linguagem, que se subdividiu em fonética, morfologia, sintaxe e semântica. A fonética organiza a linguagem através dos sons e a morfologia, através das letras. Sempre expressando a relação mente-corpo na linguagem, a fonética divide a fala em vogais e consoantes. Digam comigo as vogais percebendo como o seu aparelho fonador fica completamente relaxado para dar passagem ao ar: A, E, I, O, U. Agora digam o U em francês, como em Universe e Unité e percebam que vocês têm que fazer um biquinho para baixo, para pronunciar o U: Universe e Unité. Vejam essa variação do U em alemão, fazendo o biquinho de maneira diferente: para cima: Grüne (verde) e über (sobre).

Percebam agora a diferença das vogais para as consoantes, nas quais as formas da boca modificam o som. Digam comigo: B, C, D, F, G, H, J, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, X e Z.

Quando estive na África do Sul, conheci a língua Xhosa, da etnia do Nelson Mandela. Ela é muito curiosa porque inclui o clicar (klicking). Tendem a estalar a língua no céu da boca fazendo tá, tá, tá ou com as bochechas contraídas fazendo tlú, tlú, tlú. Isto é **fonética**.

Pensem agora na **ortografia** com a formação das palavras por letras e suas marcações com apóstrofes, hifens, pontuação e acentuação e a seguir na **classificação funcional** das palavras como substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Continuem com a **sintaxe** das orações, seguida pela **pontuação** para terminar na **semântica**, ou seja, nos significados da linguagem.

Isto tudo é a gramática, um complexo minucioso e sofisticado **sistema estruturante** de elaboração simbólica da **função estruturante da linguagem**.

A seguir, vejamos uma forma da linguagem cuja elaboração simbólica é coordenada pela posição dialética do Arquétipo da Alteridade, que reúne a codificação patriarcal e a emoção matriarcal. Foi a forma da **poesia** que os grandes relatores da história heroica da Grécia, como Homero e Hesíodo adotaram.

Como tenho ensinado para vocês, a posição dialética da alteridade, que inclui os arquétipos da Anima e do Animus é a forma de inteligência mais profundamente humana de que a psique é capaz pelo fato dela articular a interação das polaridades de maneira quaternária para expressar **todos os significados dos símbolos desde a oposição até a igualdade**. Assim sendo, como veremos a seguir, o significado de um símbolo pode começar num polo e terminar no outro para explicar nuances as mais profundas e complexas da vida humana.

Dentro da perspectiva arquetípica, temos o Arquétipo Matriarcal expressando o início da linguagem, o Arquétipo Patriarcal coordenando a gramática e o Arquétipo da Alteridade coordenando a criatividade literária, e principalmente a poesia e o humor, onde ambas usufruem das metáforas e da riqueza da inversão das polaridades.

Como exemplo de humor, cito duas passagens do conhecido humorista argentino de apelido Inodoro Pereyra. Para começar, Inodoro quer dizer privada. Na primeira, ele inicia um discurso, afirmando: “Yo, com la humildad de los grandes...” e na segunda ele descreve um diálogo onde alguém lhe pergunta: “Inodoro, como andas?” E ele responde: “Mal, pero acostumbrando.” A alteridade e o humor estão aqui presentes, no primeiro exemplo, pela combinação inadequada dos adjetivos “humilde e grande” e, no segundo, com a combinação inadequada de “mal e acostumbrando”. Nesses casos vemos também o padrão de alteridade das *Ko'ans* no Zen Budismo, que “quebra” a coerência do discurso patriarcal.

Seguem-se algumas poesias para percebermos a beleza e a riqueza desta forma de expressão da linguagem, coordenada pelo Arquétipo da Alteridade.

Vejamos, por exemplo, a letra do nosso Hino Nacional com as abundantes metáforas da natureza e nossa relação emocional com elas.

Hino Nacional Brasileiro

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1927)
Música: Francisco Manuel da Silva (1795-1865)

Parte I

**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.**

**Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!**

**Ó Pátria amada,
Idolatrada
Salve! Salve!**

**Brasil, um sonho intenso, um raio vívido,
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.**

**Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.**

**Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!**

**Dos filhos deste solo
És mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!**

Na primeira estrofe do hino, introduzi um erro que peço a vocês identificar.

Um aluno: A crase da primeira linha não existe.

Byington: Bravíssimo! Você foi o ganhador. Vejam a importância da gramática. Uma pequena crase altera o sentido da comunicação. Com a crase, a estrofe quer dizer que o brado heroico de um povo foi ouvido nas margens plácidas do Rio Ipiranga. Sem a crase, o significado muda completamente, pois nesse caso, as margens plácidas se

tornam o sujeito e foram, então, elas que ouviram o grito heroico de um povo. Essa pequena modificação introduz o Animismo (Arquétipo Matriarcal), pois torna as margens um agende auditivo, o que enriquece a característica de Alteridade do poema.

Existem ainda, dois outros erros que são os pontos após “morte”, na quinta estrofe da 1ª parte e após “grandeza”, na quinta estrofe da 2ª parte. Uma vírgula no lugar do ponto muda o sentido, pois nesse caso a oração não termina ali, mas é dirigida à “pátria amada”.

A seguir veremos o lindo poema I Juca Pirama de Gonçalves Dias, no qual temos um drama que se inicia, elaborando **a identidade masculina que “não pode chorar” dentro do dinamismo patriarcal** e se desenvolve em direção á posição de alteridade mostrando que o contrário é que é verdadeiro. Um jovem guerreiro muito valente “pode sim chorar” para não abandonar seu pai moribundo, mas continua destemido e valente. Citarei apenas alguns trechos deste famoso poema. Trata-se da repressão do afeto na consciência patriarcal e sua expressão pela compaixão na consciência de Alteridade

Ele começa descrevendo uma taba da tribo dos Timbiras, que prepara um banquete no qual será comido um índio Tupi que havia sido feito prisioneiro. O índio Tupi, com a cabeça raspada e pintado para a cerimônia, chora pedindo para reencontrar seu pai que, velho e cego, estava perdido na mata. O cacique Timbiras manda libertá-lo para que “a carne de um fraco não contamine os seus guerreiros”.

O índio Tupi volta à floresta e reencontra seu pai velho e cego. O guerreiro de muitas batalhas sente o cheiro das tintas e a cabeça raspada do seu filho e percebe que ele foi preparado para a morte, mas estranha ele ter sido poupado. O pai exige que seu filho volte à tribo e quando se dá conta, que seu filho foi libertado como covarde por ter chorado, ele renega o filho e o amaldiçoa para sempre.

Enquanto o pai execra o filho no meio dos Timbiras, ouve-se o grito de guerra dos Tupis ecoar na aldeia. **É o filho, que, uma vez liberto do dever de amparar seu pai cego e frágil por quem chorou e pareceu covarde, revela agora toda sua coragem e valentia.** Luta até a morte, sozinho, contra todos os guerreiros Timbiras. É o pai que agora chora ao reconhecer e se orgulhar da bravura do filho.

O poema termina com o relato de um velho guerreiro Timbira que presenciou a tragédia e a glória do guerreiro Tupi. Ele enaltece, dentre os episódios extraordinários de sua longa vida de muitas batalhas, aquele episódio memorável do valente Tupi que chorou, com a frase “meninos eu vi”.

O significado do poema na Psicologia Simbólica Junguiana é muito ilustrativo pelo fato de relatar de forma profunda e dramática, a passagem de uma rotulação patriarcal, superficial e redutiva, de covardia, simplesmente porque um homem chora, para

reconhecer um significado muito mais profundo da identidade masculina que é a coragem de um homem que ama, luta por seus valores e por eles chora, expressando o Arquétipo da Alteridade. Vemos aqui a superioridade da posição dialética de alteridade sobre a posição polarizada patriarcal.

I Juca Pirama

Gonçalves Dias – 1851

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.
São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!
As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.
No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis:
Os velhos sentados praticam d'outrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em torno dum índio infeliz.
Quem é? - ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribo não diz: - de um povo remoto
Descende por certo - dum povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil muçulmano
As linhas corretas do nobre perfil.
Por casos de guerra caiu prisioneiro
Nas mãos dos Timbiras: - no extenso terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribos dos seus arredores,
Cuidosos se incubem do vaso das cores,
Dos vários aprestos da honrosa função.
Acerva-se a lenha da vasta fogueira
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com penas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vários matiz.
Em tanto as mulheres com leda trigança,

Afeitas ao rito da bárbara usança,
índio já querem cativo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreira-lhe a fronte gentil canitar,

II

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.
O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!
A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!
Contudo os olhos d'ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.
Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!
Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.
Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.
Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:
Somente ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende!
Que foi? Tupã mandou que ele caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!
Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe as honras,

Na frente o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embança,
Na destra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante. - Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda chorem
Serem glória e brasão d'imigos feros.
"Eis-me aqui", diz ao índio prisioneiro;
"Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
"As nossas matas devassaste ousado,
"Morrerás morte vil da mão de um forte."
Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a muçurana desce:
"Dize-nos quem és, teus feitos canta,
"Ou se mais te apraz, defende-te." Começa
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.
Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.
Andei longes terras
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes - escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.
E os campos talados,

E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.
Aos golpes do imigo,
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e compostos,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.
Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!
O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.
Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessossêgo
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego
Qual seja, - dizei!
Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.
Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? - Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,

Deixai-me viver!
Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

V

Soltai-o! - diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

Timbira, diz o índio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam:
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,
Que somente por seu na voz conhece.

- És livre; parte. (diz o cacique)

- E voltarei.

- Debalde.

- Sim, voltarei, morto meu pai.

- Não voltes!

É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!

- Acaso tu supões que me acobardo,

Que receio morrer!

- És livre; parte!

- Ora não partirei; quero provar-te

Que um filho dos Tupis vive com honra,

E com honra maior, se acaso o vencem,

Da morte o passo glorioso afronta.

- Mentiste, que um Tupi não chora nunca, (diz o cacique)

E tu choraste!... parte; não queremos

Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobreteve o Tupi: - arfando em ondas

O rebater do coração se ouvia

Precípite. - Do rosto afogueado

Gélidas bagas de suor corriam:

Talvez que o assaltava um pensamento...

Já não... que na enlutada fantasia,

Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,

Do velho pai a moribunda imagem

Quase bradar-lhe ouvia: - Ingrato! Ingrato!

Curvado o colo, taciturno e frio.

Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI

- Filho meu, onde estás?

- Ao vosso lado;

Aqui vos trago provisões; tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!

- Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

- Sim demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!

- Que novos males

Nos resta de sofrer? - que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?

- As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.

- Mas tu tremes!

- Talvez do afã da caça....

- Oh filho caro!

Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.

Partamos!... -

E com mão trêmula, incerta

Procura o filho, tacteando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.

Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéia fatal ocorreu-lhe à mente...

Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas

Conhece estremecendo: - foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!...

Recua aflito e pálido, cobrindo

Às mãos ambas os olhos fulminados,
Como que teme ainda o triste velho

De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva

Ante os olhos do corpo afigurada.

Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;

Mas que funesto azar correrá o filho,
Ele o via; ele o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.

A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,

Era num ponto só, mas era a morte!
- Tu prisioneiro, tu?
- Vós o dissestes.
- Dos índios?
- Sim.
- De que nação?
- Timbiras.
- E a muçurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...
- Nada fiz... aqui estou.
- Nada! –

Emudecem;
Curto instante depois prossegue o velho:
- Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!
- Nada fiz; mas souberam da existência
De um pobre velho, que em mim só vivia....
- E depois?...
- Eis-me aqui.
- Fica essa taba?
- Na direção do sol, quando transmonta.
- Longe?
- Não muito.
- Tens razão: partamos.
- E quereis ir?...
- Na direção do acaso.

VII

"Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis, - e mas foram
Senhores em gentileza.
"Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrifício
E a muçurana ligeira:
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie;
Alguém, que vendo o meu peito

Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por se ufane!"
Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com tórvo acento:
- Nada farei do que dizes:
É teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto.
Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

"Tu choraste em presença da morte? (do pai Tupi para o filho)

Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.
"Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!
"Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.
"Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,

Donde fujas com asco e terror!
"Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punja teus membros malditos
E oceano de pó denegrado
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.
"Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és."

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservada,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. - Alarma! alarma! - O velho pára!
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
Noutra quadra melhor. - Alarma! alarma!
- Esse momento só vale a pagar-lhe
Os tão compridos trances, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: - vale, e de sobra.
Ele que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça. (o pai guerreiro chora)
A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.
Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis - o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.
- Basta! Clama o chefe dos Timbiras,

- Basta, guerreiro ilustre! Assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister forças. -
O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
"Este, sim, que é meu filho muito amado!
"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
"Corram livres as lágrimas que choro,
"Estas lágrimas, sim, que não desonram."

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: - "Meninos, eu vi!
"Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi.
"Eu disse comigo: Que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!"
Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: "Meninos, eu vi!".

A seguir, veremos na peça Hamlet, do nosso poeta maior, a passagem na qual o herói confronta o caráter de sua mãe e sua relação amorosa com seu tio, irmão de seu pai. O fantasma do pai havia dito a ele que havia sido assassinado por seu irmão.

HAMLET

Shakespeare – 1599-1601

**O! that this too too solid flesh would melt,
Thaw and resolve itself into a dew;
Or that the Everlasting had not fix'd
His canon 'gainst self-slaughter!
O God! O! God!
How weary, stale, flat, and unprofitable
Seem to me all the uses of this world.
Fie on't! O fie! 'tis an unweeded garden,
That grows to seed; things rank and gross in
nature. Posses it merely.
That it should come to this!
But two months dead: nay, not so much, not
two:
So excellent a king; that was to this,
Hyperion to a satyr; so loving to my mother
That he might not beteem the winds of heaven
Visit her face too roughly. Heaven and earth!
Must I remember? why, she would hang on
him,
As if increase of appetite had grown
By what it fed on; and yet, within a month,
Let me not think on't: Frailty, thy name is
woman!**

*Oh! Que essa carne tão sólida derretesse
Se dissolvesse e se transformasse em orvalho
Não tivesse o Eterno apontado seus canhões
contra o suicídio
Deus, oh Deus!
Quão enfraquecidos, passados, achatados e
improdutivos
Me parecem todos os costumes deste mundo.
Desprezo! Decepção. Trata-se de um jardim
descuidado
Que produz sementes. As coisas grosseiras
Da natureza o possuem despudoradamente.
Que se chegasse a isso!
Morto há apenas dois meses. Nem tanto, nem
dois
Um rei tão grandioso que era para este*

*Como Hiperion para um sátiro.
Ele amava tanto minha mãe
Que não permitia aos ventos do céu
Visitar seu rosto com aspereza.
Céus e terra, devo lembrar-me?
Ora, ela se pendurava nele
Como se seu apetite aumentasse
Com o que ela se alimentava
E assim mesmo, dentro de um mês!
Não quero mais pensar nisso!
Fragilidade, teu nome é mulher!*

Hamlet começa lastimando não poder se suicidar porque Deus a isso proibiu e a seguir descreve com desprezo o apego lascivo de sua mãe à sexualidade insaciável com seu tio, dois meses apenas após a morte de seu pai. Sem acusá-la pelo adultério, ele conclui com a célebre frase “fragilidade, teu nome é mulher”.

Segue-se o mais famoso poema de todas as línguas e de todos os tempos, elaborando, em poucas frases de dominação patriarcal, os sofrimentos humanos e nossa capacidade de por fim a eles com a autodestruição. Conclui que nosso medo de possíveis castigos após a morte arrefecem e despotencializam nossas iniciativas, expressando o Arquétipo da Alteridade.

To be, or not to be (Ser ou não ser...)
Hamlet, Act III, Scene I
William Shakespeare, 1564 – 1616

To be, or not to be: that is the question:
Whether 'tis nobler in the mind to suffer
The slings and arrows of outrageous fortune,
Or to take arms against a sea of troubles,
And by opposing end them? To die: to sleep;
No more; and by a sleep to say we end
The heart-ache and the thousand natural shocks
That flesh is heir to, 'tis a consummation
Devoutly to be wish'd. To die, to sleep;
To sleep: perchance to dream: ay, there's the rub;
For in that sleep of death what dreams may come
When we have shuffled off this mortal coil,
Must give us pause: there's the respect
That makes calamity of so long life;
For who would bear the whips and scorns of time,
The oppressor's wrong, the proud man's
contumely,
The pangs of despised love, the law's delay,
The insolence of office and the spurns
That patient merit of the unworthy takes,
When he himself might his quietus make
With a bare bodkin? who would fardels bear,
To grunt and sweat under a weary life,
But that the dread of something after death,
The undiscover'd country from whose bourn
No traveller returns, puzzles the will
And makes us rather bear those ills we have
Than fly to others that we know not of?
Thus conscience does make cowards of us all;
And thus the native hue of resolution
Is sicklied o'er with the pale cast of thought,
And enterprises of great pith and moment
With this regard their currents turn awry,
And lose the name of action.—Soft you now!
The fair Ophelia! Nymph, in thy orisons
Be all my sins remember'd.

Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre
Em nosso espírito sofrer pedras e setas
Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,
Ou insurgir-nos contra um mar de provocações
E em luta pô-lhes fim? Morrer, dormir: não mais.
Dizer que rematamos com um sono a angústia
E as mil pelejas naturais – herança do homem:
Morrer para dormir... é uma consumação
Que bem merece e desejamos com fervor.
Dormir... Talvez sonhar: eis onde surge o
obstáculo:
Pois quando livres do tumulto da existência,
No repouso da morte o sonho que tenhamos
Devem fazer-nos hesitar: eis a suspeita
Que impõe tão longa vida aos nossos infortúnios.
Quem sofreria os ralhos e a irrisão do mundo,
O agravo do opressor, a afronta do orgulhoso,
Toda a lancinante do mal-ajeitado amor,
A insolência oficial, as dilações da lei,
Os tolerantes que dos nulos têm de suportar
O mérito paciente, quem o sofreria,
Quando alcançasse a mais perfeita quitação
Com a ponta de um punhal? Quem levaria fardos,
Gemendo e suando sob a vida fatigante,
Se o receio de alguma coisa após a morte,
– Essa região desconhecida cujas raias
Jamais viajante algum atravessou de volta –
Não nos pusesse a voar para outros, não sabidos?
O pensamento assim nos acovarda, e assim
É que se cobre a tez normal da decisão
Com o tom pálido e enfermo da melancolia;
E desde que nos prendam tais cogitações,
Empresas de alto escopo e que bem alto planam
Desviam-se de rumo e cessam até mesmo
De se chamar acção.

Termino esta aula com o célebre poema Navio Negreiro, de Castro Alves, o qual transcrevo abaixo. A criatividade e a profundidade do poeta baiano para descrever os horrores e os significados da maior sombra de nossa história, somente comparada ao homicídio indígena, cresce quando nos damos conta que ele faleceu aos 24 anos (1847-1871), dois anos depois de compor o poema (1869). Observem a polaridade entre o Self Cósmico e o Self Cultural enaltecendo o Cosmos e, depois o contaminando pela Sombra da escravatura.

NAVIO NEGREIRO
Castro Alves (1869)

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias.
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano.
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brique corre à flor dos mares.
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros.
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba

Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruga pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berco,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brique à bolina
Como golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de lanqor.
Lembram as mocas morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traicão,
Ou do golfo no reaqco
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio.
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Riio entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir.. .
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaça iônia criou.
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara.
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu ...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vaças
As melodias do céu! ...

III

Desce do espaço imenso. ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu merquhar no brique voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarquras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sanque a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Reqa o sanque das mães:
Outras mocas. mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica. estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueia. se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro. que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar.
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica. estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldicões. preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desracados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do alqoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz.
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto.
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os querreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos.
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desracadas,
Como Aqar o foi também.
Que sedentas, alquebradas.
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Aqar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram mocas gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choca do monte.
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaco, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erquer!...
Vaga um lugar na cadeia.
Mas o chacal sobre a areia

Acha um corpo que roer.

**Ontem a Serra Leoa,
A guerra. a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto. apertado. imundo.
Tendo a peste por iaquar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado.
E o baque de um corpo ao mar...**

**Ontem plena liberdade.
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea. lúqubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Danca a lúqubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...**

**Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós. Senhor Deus.
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
O mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vaças
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...**

VI

**Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na dávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora. e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...**

**Auriverde pendão de minha terra.
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que. da liberdade após a guerra.
Foste hasteado dos heróis na lanca
Antes te houvessem roto na batalha.
Que servires a um povo de mortalha!...**

**Fatalidade atroz que a mente esmaça!
Extingue nesta hora o brique imundo
O trilho que Colombo abriu nas vaças,
Como um íris no pélaço profundo!
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga**

**Levantai-vos. heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!**

A profundidade do poema expressa no Self cósmico e planetário, entre o céu e o mar na dimensão cósmica estelar, a tragédia inominável do amontoado de prisioneiros à bordo de uma nau que os conduz como escravos para serem vendidos no Brasil.

Junto com a sensualidade da brutalidade descrita, ressoa a denúncia de tamanho crime numa nave que navega com a anuência do governo brasileiro.

O grito poético final é para Colombo, o descobridor da América, fechar os mares para tamanho opróbrio, e para Andrada, o legislador abolicionista terminar tanta desumanidade.

Na próxima aula, continuaremos o estudo do Quatérnio Regente, dos arquétipos Matriarcal, Patriarcal e da Alteridade.

Texto recomendado: Psicologia Simbólica Junguiana, cps. VII (141-166), cap. X (193-214) e cap. XI (215-236).

Um abraço a todos e até a próxima quinta-feira,
Byington